

6

Longeviver e mercado: considerações sobre o velho empreendedor de si

[Artigo 6, páginas de 87 a 99]



Celina Dias Azevedo

Doutora em ciências sociais e mestra em gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Especialista em gestão de programas intergeracionais pela Universidade de Granada e em gerontologia social pelo Instituto Sedes Sapientiae. Docente no curso Fragilidades do Envelhecimento: Gerontologia Social e Atendimento, da PUC/SP. Assessora da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.

*celina.azevedo@sescsp.org.br
celinazevedo@gmail.com*

Maria Helena Villas Bôas Concone:

Antropóloga com PhD pela PUC/SP. Professora titular do Departamento de Antropologia da PUC/SP. Docente e pesquisadora, filiada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia e Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais.

mhconconce@yahoo.com.br

RESUMO

A partir de uma problematização do longeviver sob a égide do neoliberalismo, propomos refletir sobre como a economia e o mercado orientam atividades e comportamentos, engendrando formas de subjetivação na velhice. A configuração da unidade-base da sociedade do indivíduo para o indivíduo-empresa – o empreendedor de si – é a mais perfeita tradução da governamentalidade neoliberal. Prenunciando a relevância de tal termo, remetemo-nos ao prestígio que assumiu na contemporaneidade a propagação de propostas ao empreendedorismo do velho, por exemplo, como elemento crucial a contemplar orientações do envelhecimento ativo.

Nesse contexto é que refletiremos como, a partir de demandas do neoliberalismo e respaldada pela criação de um mercado de projetos educativos e culturais voltados aos velhos, estabeleceu-se a figura do velho empreendedor de si como modelo de envelhecer. Queremos aqui discorrer e apresentar considerações sobre essa subjetivação que – ancorada em documentos norteadores, pesquisas e estudos que valorizam as performances, o consumo, a qualidade de vida, a concorrência e o marketing pessoal – passa a produzir, por meio de práticas e discursos, uma velhice submetida ao especialista, à juventude, à saúde, ao mercado, à concorrência, a códigos de comportamento, a um envelhecimento ativo, enfim!

Palavras-chave: envelhecimento e neoliberalismo; empreendedor de si; idoso empreendedor.

ABSTRACT

This article proposes reflect on how the economy and the market guide activities and behaviors, generating forms of subjectivity in old age, based on a problematization of long-life under the aegis of neoliberalism, "Entrepreneurial Self" 'image is the most perfect representation of neoliberal governmentality. This text highlights the relevance of such a term and refers to the prestige that the propagation of proposals for the old people's entrepreneurship has assumed in contemporary times, as a important indicator for aging active model.

The neoliberalism has supported the creation of a market for educational and cultural projects aimed at the elderly.

The "Entrepreneurial elderly" figure was established as a model of aging.

This discussion presents considerations about this subjectivation, that is anchored in documents, in research and studies that value performances, consumption, quality of life, competition and personal marketing. This is an old age subjected to specialists, to values of eternal youth, to health, to market, to codes of behavior, to the active aging' model.

Keywords: aging and neoliberalism; entrepreneurial self; entrepreneurial elderly.

APROXIMANDO O TEMA

O conceito do envelhecimento ativo permeia quase que a totalidade das ações voltadas aos velhos na contemporaneidade. Funciona como um dispositivo de poder e produção de subjetividade que sobrecarrega a velhice de controles, interferindo e combinando ações de organismos da sociedade civil e da esfera pública, documentos regulatórios, leis, mídia e consumo.

Recorrendo a Foucault¹, entendemos, nesta reflexão, esse dispositivo como a rede que se estabelece entre os discursos, as instituições, os enunciados científicos, as leis e regulamentações que, em certo momento histórico, possuem uma função estratégica, estão inscritos em um jogo de poder e passam a condicionar certos tipos de saber e são por eles condicionados. Sabemos que perceber e refletir sobre a complexidade e a tessitura dessa trama de relações que constroem ideias para uma boa velhice pode fundamentar escolhas e criar maneiras de confrontar, resistir e refutar essa submissão.

A partir de discursos produzidos, impõem-se estereótipos para uma velhice povoada de velhos frágeis a precisar de cuidados; velhos consumidores, sedentos de produtos e, também, prontos a oferecer, por meio do voluntariado e da continuidade no mercado de trabalho, sua energia e sua força de trabalho. Contaminado pelo neoliberalismo, em que vigora a ideia do empreendedor de si, detectam-se valores do campo econômico que migram para o campo social, direcionando questões e criando subjetivações, determinando modelos do viver e taxando aqueles que não os seguem de indolentes, estranhos e incapazes, “sem méritos”.

SERES VELHOS, VELHICES?

A velhice como construção social aponta para a aparência como elemento central na identificação do velho, segundo características difundidas e reconhecidas como próprias da velhice, principalmente aquelas inscritas no corpo. Por meio do marcador etário, ou idade cronológica determinada legalmente pelo Estado² – dado arbitrário e manipulável, que tem por objetivo produzir um modelo hegemônico e universal de ser velho – também se reconhece o sujeito inserido na velhice.

1 FOUCAULT, M. apud AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: O que é contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 28

2 No Brasil, o Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º out. 2003) indica os 60 anos como marco para categorizar o idoso – Art. 1º. É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, em consonância à Resolução 39/125 da Organização das Nações Unidas – ONU, que determina os 60 anos, para os países em desenvolvimento e os 65 anos, nos países desenvolvidos, como as idades que demarcam a classificação do indivíduo na categoria idoso.

3 VILLAS BÔAS, M. H. Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós*, São Paulo, v. 10, n. 2, dez. 2007.

Maria Helena Villas Boas³ discorre, no artigo *Medo de Envelhecer ou de Parecer*, a respeito da identidade do velho sobre qual é o medo existente: envelhecer ou parecer velho? A autora cita em seu texto a percepção de um grupo de idosos inquiridos sobre a velhice e registra:

As considerações dos depoentes, na sua maioria, assinalam de fato características presentes no corpo como demarcadoras de idade (perda de beleza, rugas, doenças, dificuldade de movimentos etc.). Nessas marcas, a perda da beleza (“do frescor” e “do viço”) aparece como elemento primordial. É de se notar, também, que o padrão de beleza implícito é o da juventude – beleza “perde-se”, não se admite a possibilidade de outros padrões ou de padrões alternativos [...]

Villas Bôas aponta, ainda, para um modelo social de velho – construído em oposição ao do jovem – medicalizado, sem atrativos físicos, que encerra um estigma do qual os indivíduos categorizados nesse lugar procuram fugir. Ironicamente, para escapar, reproduzem o discurso que prega o controle sobre o corpo e os modelos para um bem viver, que tem como base ações para “manter o corpo ativo e a mente alerta”, manutenção da saúde e interferência direta sobre as marcas corporais com cosméticos e plásticas estéticas, além de atividade física.

Outro ponto importante apontado pela autora nesse estudo diz respeito ao medo manifestado pela perda de autonomia, de independência, como algo que não se pode escapar na velhice, geralmente associada mais à “natureza biológica intrínseca à humanidade” e menos à construção sociocultural da velhice. Nas palavras de entrevistados “ser velho é ficar doente e solitário”, “velho não é uma pessoa alegre, velho é recalçado”.

4 TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Revista Kairós*, São Paulo, vol. 11, n. 1, p. 21-38, jun. 2008.

Segundo Tótor⁴, “[...] O que singulariza a época atual é a articulação de uma cultura de desvalorização da velhice e tecnologias de poder de intervenção e controle sobre o corpo dos velhos”. Diante desse cenário, não é difícil perceber por que, diariamente, somos confrontados com produtos, terapias e saberes voltados para o “bom envelhecer”, além de receitas prontas para uma velhice saudável e feliz, que misturam referências e indicações tal qual mercadorias que podem ser escolhidas em uma vitrine.

O envelhecimento ativo – proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – ocupa a centralidade nos discursos em torno do tema do envelhecimento, sob as mais diversas perspectivas. “Ativo” tornou-se palavra-chave que contaminou sobremaneira as discussões, políticas

e ações para os velhos e, na mesma toada, os discursos, as orientações e as reflexões sobre o processo de envelhecimento. “Ativo” passou a ser uma adjetivação para a vida que segue um curso normal e linear do nascimento até a morte. Tem-se à disposição os modelos da “velhice de pijamas”, da “velhice frágil” ou, cada vez mais insistentemente, do “envelhecimento ativo” a nortear a vida.

Deparamo-nos com uma associação direta entre velhice e doença; velhice e morte; velhice e perdas; velhice e limitações, pontos comuns encontrados nos discursos, de uma forma geral, que corroboram o olhar cultural que associa quase que de imediato: velhice = fragilidade. Para fugir desse “destino”, os velhos devem seguir prescrições para uma alimentação saudável, praticar atividades físicas. O discurso de controle sobre o corpo e os modelos para um bem viver estão presentes. Essa percepção molda as relações com os velhos e, provavelmente, seu próprio envelhecer. Afinal, quem deseja envelhecer e tornar-se frágil, doente, cheio de limitações?

Está posta – implícita e explicitamente – a responsabilidade individual pela manutenção da própria saúde e por um autocontrole que auxilia no distanciamento dos maus hábitos: o fumo, a bebida, a comida não saudável, o sedentarismo. Diante disso, facilmente passamos da “responsabilização” para a “culpabilização”, porque, afinal, está nas mãos de cada um uma vida com qualidade, normal, sem sobressaltos. Ideia distante do cuidado de si proposto por Foucault⁵ “[...] aquilo que nos constitui como sujeito verdadeiro de nossos atos”, que pede uma atitude ativa ao invés da submissão a um modo de viver prescrito por um saber, fruto de uma relação de poder, que pede um fortalecimento para a vida.

O “empreendedor de si” surge como figura de comportamento responsável e ativo, atualizado, instrumentalizado e qualificado. Apresenta-se como alternativa para o “reaproveitamento” dos velhos no mercado. Modelos são criados e repetidamente apontados – por especialistas, acadêmicos – para que os velhos tenham, em alguma medida, seus corpos, suas forças e potências controladas. As formações discursivas normatizam, regulam para uma suposta positividade do envelhecer imposta, construída e replicada.

Deterministas, tais modelos ainda apontam acusadoramente para aqueles que não seguem suas orientações, resultando na responsabilização e culpabilização dos indivíduos. Àqueles que não optaram por boas escolhas, resta toda sorte de infelicidades na velhice. O poder exercido por essa conotação positiva conquistada a todos, velhos,

5 FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tanus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 651.

Artigo 6

Longevidade e mercado: considerações sobre o velho empreendedor de si

profissionais, instituições, todos aderem de forma espontânea, de sujeitos passam a sujeitados. A articulação entre fundamentos teóricos e experiências empíricas e a análise dos discursos que envolvem o envelhecimento podem desvelar um olhar sobre a vida como possibilidade de experimentação e criação que permitam bons encontros, em uma dimensão da vida na qual é possível se reinventar e se expressar.

O envelhecimento ativo apresenta os velhos como consumidores, abordando os temas da educação permanente; a saúde permeando os discursos sobre o envelhecer; o controle por meio do medo; a tutela; a imposição de modelos; o conhecimento como *commodity* tornando-se mera ilustração para preservação do empreendedor.

Agambem⁶ nos lembra de que “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo”, no entanto, perceber o escuro não basta, é preciso interrogá-lo! Faz-se necessário dar visibilidade, lançar luz para o que está para além do que podemos enxergar, procurando entender por que justamente o que traz orgulho “à nossa época” nos incomoda.

Para isso, um afastamento, perceber outras perspectivas que permitam perguntar, por exemplo, como proposições que têm por objetivo o cuidado, a positividade e, ao mesmo tempo, a “valorização” do velho continuam, ao contrário, construindo e reproduzindo preconceitos e modelos que aprisionam a vida, determinando comportamentos, estabelecendo assujeitamentos e desvalorizando a potência de vida ao invés de afirmá-la?

EMPREENDEDOR DE SI: O INDIVÍDUO VISTO COMO EMPRESA

As bases do neoliberalismo americano e da teoria do capital humano serviram de mote para Michel Foucault referir-se, ainda na década de 1970, ao empreendedor de si, produto da governamentalidade neoliberal que permitiu e estimulou a constituição do indivíduo-empresa, substituindo o indivíduo como unidade base da sociedade.

As reflexões de Foucault sobre o neoliberalismo da Escola de Chicago, particularmente, a partir da teoria do capital humano, aponta para as práticas discursivas sobre o Estado mínimo e a livre concorrência no mercado, que propiciaram sua emergência. Sob a égide do neoliberalismo, compõe-se uma governamentalidade que busca programar estrategicamente o comportamento dos indivíduos.

O pensamento neoliberal desenvolvido pelos membros da Escola de Chicago acabou por predominar e se disseminar mundialmente.

6 AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, p. 64.

Outro aspecto desse neoliberalismo é a organização de toda a sociedade como empresa, que redefine as regras do direito para facilitar as transações e os contratos, promove um sistema de arbitragens entre os consumidores, cria um sistema de reciprocidade entre economia e direito, **propõe um capitalismo como relação social e modo de vida**, introduz o Estado de direito na economia, em que o Estado deve prestar regras para a geração de renda e para regular danos e conflitos, através de mediações jurídicas, forjando intensa judicialização das relações sociais⁷ (grifos nossos).

Uma das consequências da transformação do indivíduo para indivíduo-empresa foi o incentivo ao investimento na educação e no aprendizado. Antes considerado despesa, tal investimento impulsionou as relações de concorrência entre os indivíduos, além disso, outra consequência foi a ampliação e o desenvolvimento das capacidades e habilidades para incremento do capital humano como forma de atingir o sucesso. Nesse cenário, a economia e o mercado passaram a programar atividades e comportamentos, passaram a engendrar novas formas de subjetivação.

Problematizar de outra maneira todos os campos da educação, da cultura, da formação [...] a reprodução das relações de produção – a cultura como solidificação social das diferenças econômicas [...] na análise neoliberal todos esses elementos estão diretamente integrados à economia e ao seu crescimento na forma da constituição de capital produtivo. Todos os problemas de [...] educação – formação – [...] centrados [...] numa economia do capital. É o indivíduo visto como empresa, isto é, como um investimento/investidor [...]. Suas condições de vida são a renda de um capital.⁸

A teoria do capital humano é o foco de nosso interesse e na qual nos respaldamos para tentar decifrar e entender como essas formas se disseminaram e criaram fluxos de produção e consumo de subjetividades.

Do que se compõe o capital humano? De elementos inatos e outros adquiridos, refere-se Foucault. Sylvio Gadelha⁹ resume da seguinte forma, citando Oswaldo Lopez-Ruiz, ao defini-lo e apontá-lo como esse elemento essencial à instituição de um novo espírito do capitalismo:

7 LEMOS, F. et al. Governamentalidades neoliberais e dispositivos de segurança. In: *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 331-339, 2015.

8 Notas de Foucault em seu manuscrito para sua aula de 14 de março de 1979, no College de France. FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 320.

9 LOPES-RUIZ, O., apud GADELHA, S. COSTA. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. In: *Educação & Realidade*, v. 34, n. 2, p. 171-186, mai.-ago., 2009.

Artigo 6

Longevidade e mercado: considerações sobre o velho empreendedor de si

[...] em função do avanço do capitalismo, deve se tornar valor de troca. Para isso acontecer; esses atributos humanos precisam, de certa maneira, ser abstraídos das pessoas concretas que os detêm, das pessoas concretas nas quais existem, e se articular (alinhar) em função de um fim externo a elas. Argumentaremos, portanto, que o **“humano”, um conjunto de capacidades, destrezas e aptidões próprias dos homens, adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital – entendido como uma soma de valores de troca que serve de base real a uma empresa capitalista** (grifo nosso).

Assim, percebemos que as ações de investimento no capital humano para aprimorar habilidades e capacidades, a educação, o treinamento e a atualização de conhecimentos estão nas ações educativas e, diante do quadro que apresentamos em relação à velhice, nas discussões consagradas a ensinar uma natureza de dever, de prescrição, de determinação de modelo.

MODELO PARA UM BOM ENVELHECER E A ÓTICA NEOLIBERAL

Facilmente conseguimos identificar, na contemporaneidade, programas, ações e propagação de propostas para o *empreendedorismo do velho* como elemento vital para um envelhecimento ativo. A partir de demandas do neoliberalismo e respaldada pela criação de um mercado de projetos educativos e culturais voltados aos velhos, estabeleceu-se a figura do velho empreendedor de si como modelo de envelhecer.

A constituição do empreendedor de si incorpora discursos e práticas que se utilizam de jargões como “ousadia” e “proatividade” por meio do incentivo, da autopromoção e do marketing pessoal, agora não por meio da exclusão e repressão, mas por estímulos que visam criar formas de conduta arrojadas.

Seguindo uma agenda neoliberal, o texto *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*¹⁰, ao considerar a questão da aprendizagem como um dos pilares do envelhecimento ativo, vaticina:

A globalização e as rápidas mudanças na expansão da **economia de conhecimento fazem com que a informação seja, hoje, o commodity mais valioso**. O acesso à informação é, portanto, chave para o envelhecimento ativo. **A aprendizagem ao longo da vida é importante não somente para a empregabilidade**, mas também para favorecer o bem-estar. É um

10 Centro Internacional de Longevidade Brasil – ILC Brasil. Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade. 1. edição, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Trata-se de uma proposta de revisão do documento original da OMS, elaborado pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil que exclui do subtítulo a menção à saúde “uma política de saúde” alterando-a para “um marco político”. Disponível em: http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

pilar que sustenta todos os outros pilares do envelhecimento ativo. Nos instrumentaliza para permanecermos saudáveis, relevantes e engajados na sociedade. Confere, portanto, poder de decisão e maior certeza de segurança pessoal. **No nível social, pessoas bem informadas e capacitadas de qualquer camada social e de todas as idades contribuem para a competitividade econômica, o emprego**, a proteção social sustentável e a participação dos cidadãos (grifo nosso).

Termos que não deixam dúvida quanto às finalidades: *commodity* – termo resgatado do mercado financeiro –, competitividade econômica, produção, empregabilidade – como objetivo –, necessidade de treinamento a todos que desejam integrar o mercado. A proteção social sustentável nos remete à tendência da desaposentadoria, estimula-se a continuidade no mercado de trabalho, o autoinvestimento no desenvolvimento pessoal. Aprendizagem para empregabilidade. Como argumento norteador, além da importância dada ao mundo do trabalho, a crise do sistema previdenciário mundial.

Aqui vale, certamente, a observação de Ivan Illich¹¹, em sua obra *Sociedade sem escolas*, quando nos alerta para o fato que se não passarmos a questionar a suposição de que o conhecimento é uma mercadoria, que sob certas circunstâncias pode ser imposta ao consumidor, estaremos reforçando a ideia de que tudo pode ser transformado em produto e termos, cada vez mais, sujeitos moldáveis e submetidos a ensinamentos e saberes inventados por grupos e especialistas que dominam e criam produtos para o mercado.

Nesse sentido, entendemos que conforme estão articuladas essas proposições de educação, de aprendizado, paradoxalmente elas querem refrear, desestimular qualquer disposição para a afirmação da vida, para a criação de novos modos de existência. O que comanda é o mercado e os valores do neoliberalismo.

Uniformização e/ou padronizações do conhecimento dos velhos revelam exigências de um mercado controlador, que tem interesse em sujeitos dóceis, consumidores e produtivos até que todas as suas forças estejam esgotadas; valores morais criam anteparos que impedem o surgimento do novo, tolhendo a força plástica do indivíduo, sua capacidade de transformação.

O que há é a marca da devoção a um corpo consumido e consumidor, corpo como produto. Ao invés da busca pela liberação do corpo, persegue-se seu aprisionamento em músculos, em modelos definidos a partir do corpo jovem, rígido, na agilidade, predicado tão caro

11 ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed., Petrópolis: Vozes, 1985, p. 61.

Artigo 6Longevidade e mercado: considerações sobre o
velho empreendedor de si

nos tempos de velocidade da contemporaneidade. Assim, o que está presente é o trabalho repetitivo, mecânico, alienado, pautado em uma tendência tecnicista, que parte da preconização da saúde, desconhecendo a possibilidade de os idosos gerirem suas próprias práticas. Um saber/poder monopolizado por especialistas.

A partir de uma estética dominante, pautada pela publicidade, por modelos, pelas promessas de associação à saúde, as práticas corporais sugeridas submetem, geralmente, o corpo velho a uma domesticação com objetivo de estar à altura do julgamento e do olhar do outro. É a partir do músculo rígido a ser exibido, da flexibilidade e agilidade a ser demonstrada, da coragem e ousadia a ser elogiada que as práticas são sugeridas, referenciando uma maneira servil de encontrar o reconhecimento do outro.

Sylvio Gadelha, em texto já mencionado, *Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo*, discute a propagação e os desdobramentos no campo educacional do que denomina de “cultura do empreendedorismo”. Pois bem, dessa forma associamos nossa reflexão acerca da construção da subjetivação do velho empreendedor de si. Essa associação nos inspira, uma vez que entendemos estar presente e contribuindo para a subjetivação do velho empreendedor o mesmo processo como parte de um circuito que afirma a tal cultura do empreendedorismo.

Como exemplo recente apontamos o documentário *Envelhescência*¹², que procura expor modelos para um bom envelhecer e apropria-se magistralmente dessa técnica e intenção, particularmente na associação de práticas corporais e formação acadêmica, que submetem o envelhecimento a uma análise da sociedade sob a perspectiva da educação e da ação sobre o corpo como empreendimento de si.

O documentário acompanha seis velhos que mostram “que os costumes e a rotina após os 60 anos podem ser repletos de atividades e bom humor”¹³. Entremeados por comentários de especialistas, os depoimentos e imagens, basicamente, ajustam-se perfeitamente como ilustração e, ao mesmo tempo, reforçam o discurso posto no documento *Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade*¹⁴:

É uma geração que se sente confortável em se fazer ouvir e está reinventando a forma como se vive e se percebe a velhice. **Envelhecer** é cada vez mais visto como um processo individual com **múltiplas oportunidades de desenvolvimento pessoal e de prolongamento da**

12 *Envelhescência*. Direção Gabriel Martinez. Documentário. Brasil. 84 min., 2015.

13 Assim o documentário é apresentado no site de divulgação.

14 Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil). Op. cit., p. 40.



A partir de demandas do neoliberalismo e respaldada pela criação de um mercado de projetos educativos e culturais voltados aos velhos, estabeleceu-se a figura do velho empreendedor de si como modelo de envelhecer.

jovialidade; por exemplo, **por meio do autocuidado e de produtos e serviços de tratamento estético.** Os gerontolescentes estão à frente da **tendência de “desaposentadoria”** que está mudando a forma como entendemos o trabalho e a aposentadoria (grifo nosso).

O corredor de maratonas, o paraquedista, o praticante de aikidô, os surfistas, a motoqueira, o médico. Em um primeiro momento, o que se distingue de forma significativa é o discurso que trai o receio da velhice e que se coloca em oposição a ela. Não poucas vezes, ouve-se das personagens “sou jovem”, no entanto, questiona-se como reinventar-se quando se nega a velhice?

Certamente, valores impostos à velhice podem ser negados como forma de resistência e afirmação da vida, no entanto, nossa leitura encaminha-se no entendimento de que nessa obra os velhos incorporaram e reproduzem o discurso do envelhecimento ativo. Além disso, percebemos no documentário que todos os discursos convergem para “as escolhas” como fator decisivo nas trajetórias de cada um, ou seja, as escolhas feitas ao longo da vida é que lhes proporcionam a realização pessoal naquele momento.

Ratifica-se aqui a ideia da responsabilização para um “bom envelhecer” em complementação à “culpabilização” daquele envelhecer visto como descuido, que recai sobre os indivíduos, seus estilos de vida e... suas escolhas.

Por meio de práticas daqueles que conseguiram “evitar a velhice”, assistindo a personagens que não querem considerá-la, pergunta-se: por que desejamos viver mais? Ao situarmos a velhice na dimensão de vida, propomos fugir da polarização do envelhecer como uma conquista ou o envelhecer como castigo.

A constituição do empreendedor de si incorpora discursos e práticas que se utilizam de jargões como “ousadia”, “proatividade”, por meio do incentivo, da autopromoção, do marketing pessoal, agora não por meio da exclusão e repressão, mas por estímulos que visam criar

Artigo 6

Longevidade e mercado: considerações sobre o velho empreendedor de si

formas de conduta arrojadas. Assim, estamos diante, novamente, de representações que procuram reforçar os modelos de envelhecimento como *cases* de sucesso.

Envelhescência não deixa de representar e ser exemplo das formas de estratégias construídas que pretendem evidenciar e tornar alguns modelos de envelhecer atraentes para os consumidores – ilustra sobremaneira o *Envelhecimento Ativo: um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade* – ao reforçar conceitos que, não à toa, são apresentados por especialistas que vêm qualificar e justificar os depoimentos daqueles *gerontolescentes*, entremeando as falas dos seis personagens que, por seu lado, os corporificam, materializam e, assim, reverberam o conceito do envelhecimento ativo.

A propaganda ainda é a alma do negócio e, neste caso, por meio de imagens realistas e positivas do envelhecimento. Sob o risco constante de ser excluído, descartado e marginalizado, investir no marketing pessoal parece ser uma saída e ainda ser prestigiado ao servir como modelo de sucesso a ser copiado.

Apoiando-nos em Foucault¹⁵:

[...] **A sociedade regulada com base no mercado em que pensam os neoliberais é uma sociedade** na qual o que deve constituir o princípio regulador não é tanto a troca das mercadorias quanto os mecanismos **da concorrência**. São esses mecanismos que devem ter o máximo de superfície e de espessura possível, que também devem ocupar o maior volume possível na sociedade. Vale dizer que o que se procura obter não é uma sociedade submetida ao efeito-mercadoria, é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial. Não uma sociedade de supermercado – uma sociedade empresarial. O *homo economicus* que se quer reconstituir não é o homem da troca, não é o homem consumidor, **é o homem da empresa e da produção** (grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES

No âmbito do envelhecimento ativo, ao invés de modos potentes de agir, a velhice é vista e colocada como espaço para efetivação do empreendedorismo de si. Da mesma forma que o acesso à informação é apresentado como uma *commodity*, como determinante na sociedade globalizada a favorecer a empregabilidade, é possível perceber que o que está em jogo neste momento é a criação de formas de racional-

15 FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 311.

dade que funcionem tal como uma economia, em que a mercadoria, a produtividade e o empreendedorismo ditam os modelos.

No entanto, a fuga da domesticação, ou seja, a recusa a modelos implícitos e/ou explícitos é o que torna possível inventarmos a nós mesmos.

Essencial nesta reflexão é a percepção de como os dispositivos de poder colonizam nosso modo de ver, falar e agir sem nos darmos conta, e de como a liberdade – no sentido de responsabilizar-se por si, da gestão de si mesmo –, pode ser inventada em pequenos atos de resistência, que nos permitem escapar da programação e ir ao encontro de um modo singular de produzir nossa existência como existência ética. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BRASIL. Leis e Decretos. Presidência da República. Estatuto do Idoso. Lei 10741. 1º out. 2003. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 11 abr. 2019.
- CENTRO Internacional de Longevidade Brasil, ILC Brasil. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. 1. edição, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: http://ilcbrasil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-MarcoPol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fonte, 2004.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GADELHA, S. C. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. *Educação & Realidade*, v. 34, n. 2, p. 171-186, mai.-ago. 2009.
- ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 61.
- LEMOS, F. et al. Governamentalidades neoliberais e dispositivos de segurança. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 331-339, 2015.
- ORGANIZAÇÃO Pan-Americana de Saúde (Opas). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf, a partir do texto original de 2002, *Active ageing policy framework*. World Health Organization (WHO). Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.
- TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Revista Kairós*, São Paulo, vol. 11, n. 1, jun. 2008, p. 21-38.
- VILLAS BÔAS, M. H. Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós*, São Paulo, v. 10, n. 2, dez. 2007, p. 19-44.